

**AFONSO LOPES VIEIRA E O PATRIMÓNIO PAISAGÍSTICO DO  
PINHAL D'EL-REI / MATA NACIONAL DE LEIRIA**

**Cristina Nobre** (cnobre@ipleiria.pt)

RESUMO:

Partindo da ideia pioneira de Raul Proença e do *Guia de Portugal*, Afonso Lopes Vieira participa no 2.º volume, de 1927, com artigos sobre Alcobaça, o Pinhal de Leiria e S. Pedro de Moel, naquilo que pode ser considerada uma moderna promoção cultural e ambiental da região de turismo do distrito de Leiria.

A partir dessa data, Lopes Vieira intervém na maior parte dos eventos culturais destinados a dar a conhecer, fortalecer e proteger as particularidades patrimoniais e turísticas da zona territorial – por ele definida como “o coração de Portugal”. Este programa promocional acabaria por se consubstanciar na Casa do Distrito de Leiria, à qual presidiu entre 1938 e 1946, e cujas atividades tiveram o seu apogeu em 1943 com o *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*.

A presente comunicação procura dar conta do trajeto pioneiro deste escritor no reconhecimento das potencialidades patrimoniais e turísticas da região de Leiria, nomeadamente o *Pinhal d'El-Rei* ou Mata Nacional de Leiria, refletindo sobre o modo como tem sido aproveitado no Ano Europeu do Património Cultural, em 2018.

## 0. Considerações prévias

Persiste-se, há muito, em conversas, em livros, em jornais, mesmo nos discursos diplomáticos e nas arengas oficiais, emfim, nos compêndios das escolas, em chamar a Portugal *piqueno país*. Decididamente, não temos nunca o sentimento das proporções. E ao passo que nos atacam megalománias grotescas, descaímos nesta idiotia de chamar piqueno a um país que tem pelo menos oitenta milhões de almas.

[...] O primeiro português que chamou a Portugal *piqueno país*, foi um perro traidor! E a traição achou o terreno mais propício num Portugal que é grande em possuir tantas almas piquenas.

Afonso Lopes Vieira, *Em demanda do Graal*, 1922: 296-7.

Afonso Lopes Vieira, nascido em Leiria em 1878 e falecido em Lisboa em 1946, é uma das figuras mais destacadas no âmbito cultural da região de Leiria e, seguramente, um dos pioneiros na tomada de consciência da importância do turismo na divulgação, conservação e dinamização do património cultural de Portugal, em geral, embora com especial focalização na região da Estremadura, por ele cognominada *o coração de Portugal*. No entanto, se isto é um facto em si mesmo, que procurarei descrever seguidamente, nem por isso nos autoriza a defender a ideia de que o turismo cultural será a salvação futura de todo o património cultural.

Em primeiro lugar, porque nem todo o turismo é cultural, e muitas das ofertas feitas na área utilizam técnicas de persuasão mais ou menos sofisticadas para *vender gato por lebre*. Não seria um tipo de turismo consumista, que apressada e ligeiramente oferece locais e valores culturais sem os digerir, que Lopes Vieira imaginava quando se referia às potencialidades turísticas da nossa zona.

Em segundo lugar, porque só alguma cultura deseja as atividades turísticas como sustentação para a cultura. Idealmente, pensar-se-á na imagem do *estado providência*, com capacidade para criar, gerir e sustentar, de acordo com os interesses de todos os cidadãos, os bens culturais. Provavelmente Lopes Vieira viveu num tempo em que este ideal era ainda possível e a sua realização sustentável. Com a falência deste modelo, somos hoje obrigados a repensar os meios de financiamento que sustentem as estratégias de dinamização cultural regional, ainda que os objetivos continuem a ser do interesse de todos os cidadãos.

## 1. Valorização poética do património da região de Leiria: casa de partida

### S. Pedro de Muel, 1905

Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma!  
Logo que estou aqui, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a  
satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes.  
Isto está delicioso de solidão e silencio. Não ha ainda a vulgaridade. Com que  
prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas  
cidades, afogâmos as almas tambem com os nossos colarinhos. Ao genio grego  
conviria outra vestia que não fosse aquela, ampla e sobria, desembaraçando o  
ritmo do corpo?

Hontem, à chegada, a propria luz teve para mim encantos de coisa inedita. A  
primeira surpresa, à sahida das cidades, é o crepusculo. Ha muitos mezes que  
eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar.

Acabei de arrumar os livros na estante, e notei ainda uma vez como elles  
adquirem uma personalidade muito mais intensa quando são poucos e estão  
connosco na *solidão acompanhada*. Assim, na gravura do grande Durer, os  
quatro livros fechados que S. Jerónimo tem na sua serena cela, onde o leão  
dormita, nos sugerem mais pensamentos que se o santo trabalhasse n'uma  
livraria. Ordenei a minha mesa, dependurei as gravuras na parede, e tenho como  
sempre uma grande pressa de sentir a casa povoada por esse vivo e  
harmonioso desarrumado, que deve ser a sua calma fisionomia.

Só o mar, por emquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica  
perturba-me como se eu habitasse dentro de um buzio.

Afonso Lopes Vieira, *Jornal de um Poeta* (in *A Lucta*, 20 de Agosto de 1909,  
p.1), *apud* Nobre, 2005, II: 386.

Afonso Lopes Vieira, a personalidade literária com maior destaque no distrito de Leiria e a nível nacional, durante o século XX, conheceu a glória em vida, com o reconhecimento quase unânime e canónico de grande parte da sua obra, sobretudo a poética. Se outras razões não existissem, estas justificam o cognome com maiúscula de "Poeta do Pinhal d'el-Rei".

O excerto utilizado em epígrafe, que faria parte da obra *Jornal de um Poeta* (planeada desde o início do século XX, esboçada e partilhada parcelar e episodicamente com o público, mas que nunca chegou a ser editada como um todo), evidencia a importância que a paisagem da região de Leiria teve na criação poética do escritor e como se transformou na sua essência. Com a sua sensibilidade, desde 1908, em *O Pão e as Rosas*, já tinha deixado impresso poeticamente a fidelidade constante e bondosa do pinheiro. Leia-se o poema:

### NO TRONCO DUM PINHEIRO DA FLORESTA

A infinita frase dos pinhaes  
cantou embaladora à minha infância,

e ficou em minha alma a ressonância  
destas religiosas catedraes...

Em cada inverno as árvores doridas  
fogem do mundo, deixam-no sozinho;  
só estas, sempre fielmente erguidas,  
mantêm no mesmo gesto igual carinho.

Verdes amigos certos para a gente,  
têm a constância na adversidade,  
dão a saúde e ensinam a bondade,  
— a Bondade: justiça sorridente.

No entanto, a temática central da sua poesia parece ser mais marítima do que a terrena, como o seu último livro de poesia deixa transparecer desde o camoniano título *Onde a terra se acabe e o mar começa* (1940). Porém, a musicalidade da sua escrita poética tinha sido alcançada com poemas que tocam e desenvolvem a importância da arquitetura da natureza, composta pela envolvimento dos pinhais de majestosa presença. O clímax desse momento foi atingido com o poema “Pinhal do Rey”, do livro de 1917, *Ilhas de Bruma*, até hoje a marca icónica do Poeta:

Catedral verde e sussurrante, aonde  
a luz se ameiga e se esconde  
e aonde ecoando a cantar  
se alonga e se prolonga a longa voz do mar,  
ditoso o Lavrador que a seu contento  
por suas mãos semeou este jardim;  
ditoso o Poeta que lançou ao vento  
essa canção sem fim...

[...]

Pinhal de heroicas árvores tam belas,  
foi do teu corpo e da tua alma também  
que nasceram as nossas caravelas  
ansiosas de todo o Além;  
foste tu que lhe deste a tua carne em flor  
e sobre os mares andaste navegando,  
rodeando a terra e olhando os novos astros,  
ó gótico Pinhal navegador,  
nas naus erguida levando  
tua alma em flor na ponta alta dos mastros...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,  
que vedes no mar?  
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,  
que grande saudade, que longo gemido  
ondeia nos ramos, suspira no ar.

[...]

## **2. Intervenção no *Guia de Portugal*: 'Livro de Amor de Portugal'**

A nossa província — que para mim continua a ser a Estremadura, — possui características próprias, feições suas, na tradição histórica, na paisagem, no feitio das suas populações, tão certo é que a variedade na unidade é o dominante elemento do nosso país. Na expressão histórica, a Estremadura tem a glória de guardar os três monumentos que resumem e definem a própria vida nacional — Alcobaça, Batalha, Tomar. Quanto a paisagem, creio que é a única extensão de terra europeia (o Baedeker inglês reconhece que Portugal é o país mais imprevisivelmente variado da Europa), onde se pode, em cerca de três horas de automóvel, partir da praia, atravessar a floresta, descer ao vale e subir às altitudes de montanha.

Afonso Lopes Vieira, "Passeio nas Minhas Terras"(1940), *Nova demanda do Graal*, 1942: 240-1.

Afonso Lopes Vieira fazia parte do número de viajantes incansáveis que calcorreavam Portugal de Norte a Sul, embora as suas preferências se centrassem à volta dos núcleos onde a sua vida ganhou uma significação especial. Como eclético homem de cultura, valorizou e defendeu o património cultural português, em momentos históricos de crise e dúvidas de afirmação identitária, contribuindo para o alvorecer do turismo cultural em Portugal. A ligação de Lopes Vieira a alguns intelectuais destacados, bem como a alguns locais de eleição, serviu esse propósito do paladino do *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*.

A Biblioteca Nacional de Lisboa, onde Leite de Vasconcelos serviu de ouvinte aos primeiros versos do jovem Afonso, foi um desses lugares de eleição, assiduamente frequentado e em proveitosa companhia. Passando uma larga fatia do seu tempo de trabalho na Biblioteca Nacional, compreende-se facilmente que Lopes Vieira se envolvesse com o grupo de intelectuais frequentadores desse espaço, conhecido por *Grupo da Biblioteca*. Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença contam-se entre as personalidades com quem Lopes Vieira confraternizou e com os quais desenvolveu alguns dos seus projetos literários, culturais e patrimoniais, entre os quais se deve distinguir, pela sua importância e consistência no panorama cultural português do primeiro quartel do século XX, a revista *Lusitânia. Revista de estudos portugueses*, publicada entre janeiro de 1924 e outubro de 1927.

Muitos episódios interessantes para uma história da cultura portuguesa desenrolaram-se à volta deste grupo de intelectuais, mas importa destacar a

ligação de Lopes Vieira a Raul Proença, funcionário da Biblioteca Nacional de 30 de janeiro de 1911 a 15 de fevereiro de 1927. Depois da demissão de Fidelino de Figueiredo da direção, em dezembro de 1918, Raul Proença ascendeu a chefe dos Serviços Técnicos, ficando Jaime Cortesão como diretor. Seguiu-se um período de grande labor e desenvolvimento na Biblioteca Nacional, a que não são estranhas as inovações de carácter técnico e de reestruturação da casa levadas a cabo por Proença, norteadas pelo objetivo fundamental da *educação*.

Quando a ideia do *Guia de Portugal* começou a germinar, os colaboradores contavam-se entre os intelectuais cuja capacidade de trabalho e relacionamento com o mundo e a cultura Proença conhecia sobejamente, nomes cruciais da intelectualidade portuguesa do início do século XX, como os de Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Brito Camacho, Carlos Selvagem, Hernâni Cidade, Jaime Cortesão, João de Magalhães Júnior, Nicolau Bettencourt, Raul Brandão, Raul Lino, Reinaldo dos Santos, Rodrigues Miguéis e Vieira Natividade, entre outros.

Lopes Vieira participa no *Guia de Portugal*, no 1.º vol., de 1924, com artigos sobre "Sintra, impressão geral" e "Penha Verde"; no 2.º vol., de 1927, com "Mosteiro de Alcobaça" e "Pinhal de Leiria e S. Pedro de Moel"; no 3.º Vol., de 1944, com "Impressão geral de Coimbra". Durante os anos em que a sua colaboração se efetua, desenvolve uma larga correspondência com Raul Proença, o grande responsável por esta edição notável, onde se podem ler as grandes hesitações de Lopes Vieira quanto à competência necessária para escrever alguns dos artigos, bem como uma interessante opinião sobre o valor literário da obra em questão, a que vaticinou o cognome de *Livro de Amor de Portugal* — o que nos permite aceitar a participação do escritor na obra como mais um contributo para o seu largo programa nacionalista. Aliás, é nessa qualidade que aparece acarinhado na dedicatória do 3.º vol. — "A Afonso Lopes Vieira e a Raul Lino que a acompanharam desde os primeiros vagidos com o carinho desvelado de Artistas e de Portugueses" — e ainda que faz parte de uma lista, presente na 2.ª ed. do 3.º vol., de *Entidades e pessoas a quem são devidos agradecimentos pelo concurso que, de algum modo, prestaram a este 3.º vol. do 'Guia de Portugal'*, onde aparece referido nos seguintes termos: *Poeta Afonso Lopes Vieira, promotor devotado desta obra*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No estudo sobre a edição do *Guia de Portugal*, Luís Prista regista o grande empenho dos préstimos de Lopes Vieira, num comentário que se pode tomar como uma nota mais a juntar ao

Efetivamente, o artigo escrito por Lopes Vieira sobre *S. Pedro de Moel* devolve-nos a imagem de simbiose perfeita entre o autor-viajante e o espaço paradisíaco onde focalizou o seu olhar. Para ele, o *Guia* era a corporização prática dos ideais nacionalistas em que acreditava, pois permitia o reconhecimento dos lugares telúricos como afirmações de uma identidade e tradição cultural geograficamente enraizadas. Não se pense, porém, que o escritor sucumbe à veia poética — no artigo apenas aparece um excerto do poema "Pinhal do Rei", em nota de rodapé. Todas as informações procuram seguir um estilo objetivo, descritivo, pormenorizado e profusamente ilustrado, largamente documentado em fontes históricas portuguesas, tanto antigas como contemporâneas, como se pode perceber desde as primeiras linhas:

*Da Marinha Grande a S. Pedro de Muel, pelo pinhal de Leiria (1).*

Saindo da Marinha Grande, pelo S. da vila, encontra-se a estrada florestal (constr. em 1881), sempre bem conservada, que conduz a S. Pedro de Muel. À entr. da mata vê-se um dos seus postos fiscais (Guarda Nova). Os carris são do Decauville do serviço de exploração.

É neste *trajecto* que pode ter-se uma intensa visão do **Pinhal de Leiria**, o mais vasto maciço vegetal do País (17 Km. do compr. N.-S. por 5 de larg. E.-O-, sup. de 9315 hectares). Decerto anterior a D. Dinis, que teria regularizado e intensificado as sementeiras, o pinhal de Leiria é também um padrão de história, intimamente ligado ao ciclo dos Descobrimentos nacionais, como havendo fornecido a madeira dos navios. [...]

(1) Por Afonso Lopes Vieira in *Guia de Portugal, vol. II. Estremadura, Alentejo, Algarve*, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927: 648.

Embora tivesse acalentado dúvidas sobre a sua própria capacidade de redigir artigos técnicos, como são os destinados à literatura da especialidade geográfico-turística, Lopes Vieira demonstra nesse artigo um equilibrado esteio de viajante, complementado com uma rigorosa investigação e enriquecido com uma postura de moderno homem de ação sempre pronto a intervir pela defesa do património amado. Leia-se, com atenção, o aditamento que resolveu fazer

---

labor pela causa portuguesa: "O que é significativo, relativamente a outros colaboradores [...], é o entusiasmo com que Afonso Lopes Vieira se interessou pelo *Guia*, se envolveu nos trabalhos da série, discutiu os pressupostos teóricos com Proença, acompanhou as tarefas de edição com evidente prazer." (Prista, 1992: 143)

acerca de um dos percursos descritos no Pinhal de Leiria, revelador de um posicionamento crítico perante os critérios usados pela própria administração daquela Mata Nacional:

(Já depois que estas linhas se achavam escritas, a estrada foi destruída na sua principal beleza pelos cortes. Todavia, teria sido bem natural e humano que o *ordenamento*, determinado há cerca de 50 anos pelo sábio silvicultor Barros Gomes, se houvesse modificado, por inteligente deliberação ulterior. Assim a burocracia de Lisboa vai reduzindo uma estrada, que era interessante na Europa, a uma triste charneca!) (*Guia de Portugal, II*, 1927: 650)

A postura crítica e defensiva de Lopes Vieira havia de fazer-se ouvir pelos anos fora, reflexo da mais global missão de guardião dos valores portugueses. É significativa a sua insistência em padronizar o espaço provinciano e patriótico pelo espaço mais alargado, o da Europa, numa inteligente clarividência do eclético homem de cultura capaz de situar os seus atávicos deslumbramentos pela paisagem onde nasceu na mais abrangente dimensão da paisagem europeia. Como é significativo o relacionamento que manteve com os engenheiros silvicultores responsáveis pelos domínios do Pinhal de Leiria, numa clara declaração de interação com a região e os valores patrimoniais.

A relação de proximidade que manteve com o engenheiro Arala Pinto, diretor da Terceira Circunscrição Florestal da Marinha Grande de 1922 a 1957, não foi ainda devidamente estudada, mas não podemos deixar de lhe atribuir uma especial influência na redação da monumental, fundamental e incontornável obra em dois tomos, intitulada *O Pinhal do Rei. Subsídios*, respetivamente de 1938 e 1939. Ao estilo de um memorial histórico do Pinhal, Arala Pinto escreveu na abertura do vol. I:

E ao penetrarmos, numa tarde amena, na "Catedral verde e sussurrante", onde o homem foi copiar as naves para os seus templos, como copiou dum pôr do sol resplandecente a Custódia, vejamos nós nos Pinheiros esguios e aprumados igualmente as naves dum templo natural, que foram cuidadas por florestais que a morte já ceifou e, caminhando para o ocidente, assistamos ao pôr do Sol e, durante o ocaso, e em meditação, como se foramos sintoístas e druidas, façamos perpassar pela nossa mente todos os percursos da arborização, desde o nome que a história registou até ao jornaleiro ignorado que lançou a semente à terra, ou procedeu à plantação duma árvore. (1938: 18)



O passado do Pinhal de Leiria aparece, assim, estilizado com a poesia de Lopes Vieira, numa naturalização da palavra poética que raramente terá tido efeitos tão pragmáticos como neste caso singular. Aliás, Arala Pinto escolhe um cliché fotográfico de Lopes Vieira — um belíssimo pôr do sol no mar de S. Pedro de Moel, enquadrado pelos pinheiros da mata — como fotografia de abertura do primeiro volume de *O Pinhal do Rei*, numa evidência do comum amor de dois homens pelo torrão marítimo florestal. Com uma moderna e aberta perspetiva sobre a administração do *seu* Pinhal, Arala Pinto sonhou alcançar o degrau estético, e empenhou-se energicamente em vários projetos artísticos capazes de fixar o Pinhal à dimensão artística.

Entre esses projetos, contou-se a realização gorada de um monumento (desenhado pelo Prof. Nery Capucho e com baixos relevos do escultor Luís Fernandes), com o qual Lopes Vieira muito simpatizou e em cuja idealização os dois homens encontravam a comum raiz da arte enquanto glorificação e memória da natureza e do homem. Lopes Vieira não esqueceu este projeto e a ele se referiu na conferência de 1940, *Passeio nas Minhas Terras*, revelador da sua ligação afetiva à região, e onde não hesitou em se imiscuir nos pormenores menos poéticos do financiamento do monumento, nos seguintes termos:

A verba era muito modesta — 48 contos, porque nem o escultor Luís Fernandes, de Leiria, nem o professor Capucho, da Escola Industrial da Marinha Grande, tirariam qualquer lucro deste projecto. É realmente pena que tal monumento fique entregue às iniciativas particulares, tão custosas nesta época, porque nenhum ambiente seria mais propício, nem exalaria maior evocação do que este que fora escolhido, e onde aquele verso do trovador real, — *Ai flores, ai flores do verde pinho*, teria encontrado a mais bela e histórica atmosfera. (*Nova demanda do Graal*, 1942: 244-5)

Atual continua a proposta, agora que os soberanos Dinis e Isabel têm já a sua modesta estátua de homenagem à entrada de S. Pedro de Moel. O confronto entre o monumento existente e o projetado chega para dar ao leitor de hoje a noção da enorme resistência com que sistematicamente os projetos artísticos contam, e serve como reflexão para os custos da obliteração da memória histórica na constituição de um património nacional.

A incursão de Lopes Vieira no *Guia de Portugal*, ou a simpatia que nutriu por outros projetos e trabalhos onde o *amor de Portugal* se manifestava, pautou-se, assim, por muito mais do que uma simples colaboração. Através

das participações do escritor podemos encontrar o homem de ação no seu melhor em prol de um moderno civismo e ambientalismo que se estende da paisagem aos monumentos evocativos, passando pela comunhão criativa com os seus habitantes. Vale a pena ler a seguinte intervenção cívica de Lopes Vieira, no já citado *Passeio nas Minhas Terras*:

Eu sinto verdadeiro gosto em lembrar isto: as terras do Pinhal do Rei são tão honradas que não há nelas memória de um assalto. E, se um dia o houver, podemos ter a certeza de que foi feito por gente estranha à região. Há alguns anos o distinto engenheiro Arala Pinto, director da circunscrição florestal, promoveu um arraial público no parque pombalino do Engenho, com fins de filantropia. Estiveram ali, em noites sucessivas, milhares de pessoas — e não houve uma desordem, uma frase mal soante, um arbusto quebrado. Ainda hoje os portões do parque do Engenho, que levam às residências dos funcionários superiores, ficam abertos de noite, sem que um facto desagradável se haja produzido. É certo que o engenheiro Arala Pinto é simpático à população, o que demonstra mais uma vez — e ainda bem! — que é precário entre nós comandar sem se ser estimado. (*idem*: 251-2)

### **3. A Casa do Distrito de Leiria: ponto de chegada**

Na inteligente intervenção cívica a favor da *sua* terra, Lopes Vieira revelou-se continuamente um cidadão do mundo, consciente da importância da defesa e divulgação do nosso rico património cultural: uma paisagem; uma árvore; um monumento; uma casa; a língua.

A consciência, cada vez mais agudizada, da necessidade de uma instituição que velasse pelos interesses da região de Leiria terá estado na origem da *Casa do Distrito de Leiria*. Foi eleito 1.º Presidente da Assembleia Geral, em 11 de dezembro de 1938, presidência mantida até à sua morte, em janeiro de 1946. Durante os sete derradeiros anos de vida, o escritor dedicou grande parte do seu labor à implementação do projeto cultural dessa *Casa*, sublinhando assim, simbólica e pragmaticamente, a constante e nunca interrompida ligação à *sua terra* de afetos.

De 23 a 26 de setembro de 1943, realizou-se o *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*, tendo-se publicado em 1944 o livro de atas, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, onde Lopes Vieira representou o distrito com duas intervenções intituladas *O Monumento de Francisco Rodrigues Lobo e Lápida Camoneana* (1944: 38-40). Em ambas defende a digna representação cultural do distrito de Leiria, apoiando-se em dois importantes referentes da cultura clássica — Francisco Rodrigues Lobo, enquanto maior poeta leiriense, merecedor de um monumento em Leiria capaz de evidenciar e memorizar a tradição literária da cidade, e Luís de Camões, enquanto arauto do orgulho nacional, cujos elogios toponímicos deveriam ser perpetuados na memória do povo através de lápides com transcrições de excertos de *Os Lusíadas*.

Em 1943, a dívida sentimental para com Rodrigues Lobo, estava apenas meia paga, já que tinha sido tomada a decisão de colocar a estátua do Lereno, da autoria de Anjos Teixeira Filho, parte do monumento a Rodrigues Lobo, no jardim da cidade, de costas para o rio, e Lopes Vieira, no seu discurso, lamentava ver Rodrigues Lobo "desterrado a contemplar a fachada de um Banco!" (1944: 39), e terminava fazendo a seguinte proposta: "[...] que o monumento de Francisco Rodrigues Lobo seja mudado para local escolhido por uma comissão, da qual fariam parte, além dos autores do monumento, os srs. Narciso Costa e Horácio Eliseu" (*ibidem*). Esta proposta não vingou, e só em 22 de maio de 1973 a cidade pagou honradamente a dívida, com a estátua

de Mestre Joaquim Correia, na Praça Rodrigues Lobo, embora a sua colocação também tenha suscitado acesa polémica e a estátua tenha posteriormente sido mudada de sítio.

Como esta breve retrospectiva mostra, as atividades culturais da *Casa do Distrito de Leiria* foram poderosos instrumentos de divulgação e testemunho de um património cultural específico, não só porque pretenderam devolver ao público uma imagem positiva e dignificada do passado histórico da região, mas também porque tentaram criar uma projeção crítica para o futuro cultural do distrito, que passou, em grande medida, pelo lugar cimeiro atribuído a Lopes Vieira como maior poeta leiriense da sua época.

De defensor da *sua terra*<sup>2</sup>, Afonso Lopes Vieira passava, inevitavelmente, à figura de padroeiro cultural da região de Leiria, com um virtual potencial turístico-cultural bastante elevado. Pioneiro do alvorecer de uma certa ideia de turismo cultural, na primeira metade do século XX, quando essas ideias germinavam entre um reduzido número de intelectuais, o património material e paisagístico do *Pinhal d'el-Rei / Mata Nacional de Leiria* pode tornar-se, neste início do século XXI, numa das principais atrações turístico-culturais da região. Assim o sabemos preservar e delinear para o futuro.

---

<sup>2</sup> Não esquecemos as suas campanhas a favor de Alcobaça, Batalha, Tomar ou mesmo o famoso “Arco de Almedina”, em Coimbra. Mas pretendemos dar especial ênfase às temáticas relativas à região de Leiria e ao Pinhal do Rei ou Mata Nacional de Leiria.

## Bibliografia:

- ANDRÉ, Carlos Ascenso (1995) "Terra de Poetas: Leiria e a Literatura de outrora" in *II Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região. Actas. I vol.*, Câm. Mun. de Leiria, Leiria, pp. 17-38.
- GONÇALVES, Alexandra Rodrigues (2003) *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto "sol e praia". O caso de Faro e Silves*, ed. GEPE e IFT, Lisboa.
- HERBERT, David (2001) *Literary Places, Tourism and the heritage experience in Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2, pp. 312-333.
- NOBRE, Cristina (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.
- \_\_\_\_ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- \_\_\_\_ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.
- \_\_\_\_ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira. In Memoriam*, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Junho, pp. 3-12.
- \_\_\_\_ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.
- \_\_\_\_ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].
- \_\_\_\_ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
- \_\_\_\_ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in Revista *Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.
- PINTO, A. Arala (1938-39) *O Pinhal do Rei. Subsídios*, vols. I e II, Alcobaça.
- PRISTA, Luís (1992) "5. Afonso Lopes Vieira" in *Para a edição do Guia de Portugal*, Fac. de Letras da Un. de Lx., dissertação de mestrado, pol., pp. 143-69.
- RICHARDS, Greg (2001) *The development of Cultural Tourism in Europe*, CAB International 2001. Cultural Attractions and European Tourism.
- \_\_\_\_ (2004) *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Observatório Interarts, Barcelona.
- VIEIRA, Afonso Lopes (1927), "MOSTEIRO DE ALCOBAÇA" e "PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL" in *Guia de Portugal. 2.º vol. Estremadura, Alentejo, Algarve*, "Bib. Nac. de Lisboa", Lx., pp. 612-26 e 648-52.
- \_\_\_\_ (1942), [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.
- \_\_\_\_ (1944) "O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO" e "LÁPIDA CAMONEANA" in Livro do *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*. 23 a 26 de Setembro de 1943, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lx., pp. 38-40.